

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO I: PRÁTICA E VIVÊNCIA NO ENSINO DE HISTÓRIA
- RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Fernanda Ferreira de Lima¹
Orientadora: Hiana Rodrigues Magalhães²

RESUMO: Neste artigo, pretendemos explorar em detalhes as práticas e vivências durante o estágio supervisionado I, tendo como base o Relato de Experiência e como fonte principal o relatório de estágio. Além disso, planeja-se analisar os diferentes aspectos que influenciam essa experiência, desde a relação com os supervisores e colegas de trabalho até o impacto na formação docente que colabora para aprendizagem, bem como identificar dificuldades enfrentadas e pontuar estratégias utilizadas em sala aula dentro do contexto da disciplina História e do planejamento. Esta pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, utilizando diversas técnicas para coletar e analisar os dados, tais como observação direta das aulas de História no Ensino Fundamental II, registros em diário reflexivo e análise documental. Estes métodos permitiram uma compreensão das práticas pedagógicas observadas e vivenciadas durante o estágio supervisionado I.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado. Prática Docente. História. Ensino.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de uma experiência prática adquirida durante o Estágio Supervisionado I em História, realizado no período de 09 de agosto a 01 de setembro de 2023, como parte do curso de Licenciatura em História Mediada por Tecnologia do Centro de Estudos Superiores de Itacoatiara da Universidade do Estado do Amazonas (CESIT-UEA). Realizamos o projeto de pesquisa onde o intuito foi trabalhar as questões observadas no estágio enquanto professora em formação e através da produção do relatório de estágio buscou-se apresentar como principal fonte nesta pesquisa. O objetivo foi analisar e relatar as experiências vivenciadas, contribuindo para o meu desenvolvimento como professora de História. Assim, consideramos que segundo Daltro e Faria (2019) “a importância do Relato de Experiência como meio de divulgação científica, em especial na área das ciências humanas”. Desta forma, o relato de experiência é uma oportunidade para o licenciando refletir sobre sua vivência inicial no ambiente escolar, destacando as observações, desafios e aprendizagens que marcaram esse primeiro contato com a prática

¹Graduanda pelo curso de Licenciatura em História Mediado por Tecnologia na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), e-mail: ffdl.hst19@uea.edu.br.

² Professora Orientadora: Professora Assistente da Universidade do Estado do Amazonas, Mestre em História Social pela Universidade Federal do Amazonas – AM, e-mail: hrmagalhaes@uea.edu.br.

docente, de modo que, o foco está na imersão do futuro professor no contexto educacional, permitindo uma compreensão mais profunda das dinâmicas de sala de aula, das metodologias utilizadas pelos docentes e da interação com os alunos. Através do relato o professor em formação tem a chance de registrar e analisar criticamente suas percepções, contribuindo para o desenvolvimento de sua identidade profissional e para a construção de uma prática pedagógica fundamentada e consciente.

Neste sentido nesta pesquisa objetiva mostrar todo o percurso da prática e vivência no estágio supervisionado I a partir do relatório de estágio, trabalhada na escola a qual desenvolvemos as atividades, Escola Estadual Maria Ivone de Araújo Leite, localizada no município de Itacoatiara. Dessa forma as experiências vivenciadas durante o estágio supervisionado em História do ensino fundamental II podem moldar a visão dos futuros professores em formação sobre o ensino da disciplina de História, levando em consideração os obstáculos particulares dessa fase escolar, a complexidade dos conteúdos na disciplina História levando em consideração o trabalho desempenhado pelo professor pesquisador que todos os dias vive esse cotidiano escolar. Bittencourt (2003, p. 19) diz que “O ensino de história visa contribuir para a formação de um "cidadão crítico", para que o aluno adquira uma postura crítica em relação à sociedade que vive”. O ensino de história tem um papel fundamental na formação de cidadãos críticos e conscientes. Ele oferece ao aluno a oportunidade de refletir sobre as transformações sociais, culturais, econômicas e políticas ao longo do tempo, possibilitando uma compreensão mais profunda da sociedade em que vive. Além disso, o estudo da história pode fomentar o respeito pela diversidade cultural e social, ajudando a construir uma cidadania mais empática e justa.

Nesse sentido, buscou-se de forma específica entender as práticas de ensino de História no ensino fundamental II durante o Estágio Supervisionado; aplicar diferentes metodologias visando de forma lúdica a cultura local do projeto; Integrar teoria e prática, consolidando conhecimentos acadêmicos e experiências de campo na contribuição de uma formação mais completa como professor (a) de História. Na disciplina de História, o professor exerce um papel fundamental como mediador ao ajudar os alunos a interpretar o passado e compreender como ele se relaciona com o presente De acordo com Oliveira (2002, p. 10, apud Ferreira, 2015, p. 228) “O professor deve ser um mediador, que ensinará o aluno a estudar de forma a poder vir a compreender a própria realidade que lhe cerca, a questionar o mundo a seu redor, a não ter preguiça de exercer o senso crítico”. No ensino de História, esse papel mediador envolve não apenas a transmissão de eventos históricos, mas também a promoção de um olhar crítico sobre as fontes, narrativas e interpretações dos fatos.

De acordo com Oliveira (2002, p. 10, apud Ferreira, 2015, p. 228) “O professor deve ser um mediador, que ensinará o aluno a estudar de forma a poder vir a compreender a própria realidade que lhe cerca, a questionar o mundo a seu redor, a não ter preguiça de exercer o senso crítico”. No ensino de História, esse papel mediador envolve não apenas a transmissão de eventos históricos, mas também a promoção de um olhar crítico sobre as fontes, narrativas e interpretações dos fatos. O professor de História atua como um guia para que os alunos possam entender diferentes perspectivas, questionar verdades estabelecidas, identificar contextos e analisar as mudanças e permanências ao longo do tempo.

Dessa forma, o ensino da História prepara os estudantes para compreenderem a complexidade do mundo atual, reconhecendo a importância do passado e sua influência na construção de identidades e na formação de sociedades. Esta pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, utilizando diversas técnicas para coletar e analisar os dados, tais como observação direta das aulas de História no Ensino Fundamental II, registros em diário reflexivo e análise documental. A partir do relatório de pesquisa realizado durante a experiência do estágio na escola a produção de dados que colaboram para esta análise, como o momento da observação direta das aulas de História no Ensino Fundamental II, o registro em diário reflexivo, a análise documental, a organização de conteúdos específicos da disciplina história no qual realizou-se as regências e os planos de aula, sob a supervisão do professor supervisor, o que está na sala de aula e do professor orientador que acompanha as atividades acadêmicas do estagiário. Além disso o uso de referências bibliográficas para fundamentar teoricamente a pesquisa, proporcionando embasamento para a análise e discussão dos resultados.

Ao longo do período de estágio, houve uma série de desafios, desde a adaptação ao ambiente de trabalho até o desenvolvimento de novas habilidades e a resolução de problemas práticos do dia a dia. De acordo com Dantas (2019, p. 09) os estágios pedagógicos se constituem em uma atividade âncora para a formação de novos professores, na qual os estagiários têm a oportunidade de vivenciar. Os estágios são uma atividade fundamental na formação de novos professores, onde os estagiários têm a oportunidade de vivenciar a prática educativa em ambiente real de ensino. Esses estágios proporcionam experiências práticas da sala de aula, permitindo aos futuros professores em formação aplicar teorias aprendidas em contextos reais, desenvolver habilidades de ensino e aprender com a interação com alunos e professores experientes.

Embora o curso de licenciatura seja predominantemente teórico, isso não significa que seja desconectado da prática educativa real. Pelo contrário, o estágio proporciona aos estudantes a oportunidade de compreender e aplicar na prática o que foi aprendido nas disciplinas teóricas, preparando-os para a realidade das salas de aula. Pimenta (2019, p. 26) diz que: “o estágio se coloca como eixo central e articulador do conjunto das disciplinas, as denominadas "teóricas" e as "práticas", pois o curso de licenciatura é, necessariamente, teórico, no sentido de que ele prepara o estudante para compreender a práxis educativa e docente realizada nas escolas”.

O estágio pedagógico desempenha um papel central na formação de professores, pois ele integra e articula tanto as disciplinas teóricas quanto as práticas. Portanto nesta pesquisa, pretendemos explorar em detalhes práticas e vivências do estágio supervisionado que iniciou quando propomos a ideia do projeto desta temática que agora se configura em relato de experiência para este trabalho de conclusão de curso. Trabalhar alguns autores fundamentais para que possamos fazer a discussão dialógica entre estes Pimenta (2006), Circe Bittencourt (2003), Maria Auxiliadora (2003), Perrenoud (2002).

2. As Bases Legais que Fundamentam o Ensino de História

O Ensino de História desempenha um papel fundamental na formação cidadã e crítica dos indivíduos, contribuindo para a compreensão da trajetória da humanidade, das transformações sociais e culturais e das relações de poder que moldaram o mundo contemporâneo. Para fazermos tal análise foi necessário a pesquisa para a compreensão de algumas leis essenciais ao ensino de história, assim como perceber que no Brasil, o ensino de História é regulado por um conjunto de normas legais que visam garantir a qualidade, a relevância e a democratização desse conhecimento, articulando as dimensões pedagógicas e sociais do processo educacional. Essas bases legais têm como objetivo promover uma educação histórica que desenvolva nos alunos a capacidade de análise crítica, reflexiva e plural sobre os acontecimentos e suas consequências, bem como o respeito à diversidade e à construção da memória coletiva.

Dentre as principais normativas que fundamentam o ensino de História, destacam-se a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e, mais recentemente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Essas legislações formam um arcabouço normativo que orienta a organização do ensino de História no país.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional é um marco regulatório essencial para o sistema educacional brasileiro, definindo os princípios e as diretrizes gerais para a organização do ensino. No que diz respeito ao ensino de História, a LDB (1996), em seu artigo 26-A, afirma que “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.” (Lei nº 9.394/96).

Além da LDB, os Parâmetros Curriculares Nacionais, elaborados entre 1997 e 1998, fornecem diretrizes mais detalhadas para a organização dos conteúdos e competências a serem desenvolvidos no ensino de História. Os PCNs ressaltam a importância de uma abordagem interdisciplinar e crítica da História, incentivando a análise dos processos históricos a partir de múltiplas perspectivas, considerando diferentes temporalidades e o papel dos sujeitos históricos. A ideia central é que o ensino de História contribua para o desenvolvimento da cidadania, estimulando os alunos a participarem ativamente da vida social e política e a refletirem sobre os desafios e contradições do presente a partir de uma compreensão histórica.

Os PCN (1997) têm também como pressuposto que o aluno pode apreender a realidade na sua diversidade e nas múltiplas dimensões temporais. Anotam os compromissos e as atitudes de indivíduos, de grupos e de povos na construção e na reconstrução das sociedades, propondo questões locais e regionais. Assim, deve-se levar em conta que os PCNs indicam que o ensino de História deve levar em consideração as questões contemporâneas, como globalização, migrações, multiculturalismo, e direitos humanos, ampliando o horizonte de análise histórica dos estudantes.

Com a criação da Base Nacional Comum Curricular, aprovada em 2017 para a educação infantil e ensino fundamental, e em 2018 para o ensino médio, o ensino de História passou a

seguir um novo ordenamento curricular, voltado para o desenvolvimento de competências específicas.

A BNCC estabelece que o ensino de História deve promover a capacidade de compreender os processos históricos, as relações de poder, as mudanças e permanências nas sociedades ao longo do tempo, e os múltiplos aspectos das culturas e civilizações. A BNCC diz que:

O conjunto de aprendizagens essenciais que todos os estudantes devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, constituídas, como já mencionado, por conhecimentos, habilidades, atitudes e valores, expressáveis em competências para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do mundo do trabalho e do pleno exercício da cidadania. (BRASIL, Ministério da Educação, 2017, p. 18).

O documento reforça a necessidade de desenvolver nos estudantes uma visão crítica e contextualizada da História, buscando formar indivíduos capazes de interpretar o passado e atuar no presente com responsabilidade social. A BNCC também reafirma o compromisso com a educação para a diversidade e a valorização da história e da cultura afro-brasileira, indígena e dos demais grupos étnico-raciais que compõem a sociedade brasileira, proporcionando uma abordagem mais inclusiva do ensino de História.

Conforme BNCC (1017) em seu artigo 14, afirma que “A BNCC, no Ensino Fundamental, está organizada em Áreas do conhecimento, com as respectivas competências, a saber [...], ou seja, a disciplina de história, classificada na área de conhecimento em Ciências Humanas, vem tratar as seguintes competências:

- a. Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de maneira que se exercite o respeito à diferença, em uma sociedade plural, além de promover os direitos humanos;
- b. Analisar o mundo social, cultural e digital, e o meio técnico-científico informacional, com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, considerando suas variações de significado no tempo e no espaço, para intervir em situações do cotidiano e se posicionar diante de problemas do mundo contemporâneo;
- c. Identificar, comparar e explicar a intervenção do ser humano na natureza e na sociedade, exercitando a curiosidade e propondo ideias e ações que contribuam para a transformação espacial, social e cultural, de forma que participe efetivamente das dinâmicas da vida social, exercitando a responsabilidade e o protagonismo, voltados para o bem comum, e a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva;

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS- UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITACOATIARA- CESIT
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

- d. Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas, com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de investigação das Ciências Humanas, promovendo, com isso, o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza;
- e. Comparar eventos ocorridos, simultaneamente, no mesmo espaço e em espaços variados, e eventos ocorridos em tempos diferentes no mesmo espaço, e em espaços variados;
- f. Construir argumentos, com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, para negociar e defender ideias e opiniões que respeitem e promovam os direitos humanos e a consciência socioambiental;
- g. Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, e diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação, no desenvolvimento do raciocínio espaço-temporal, relacionado a localização, distância, direção, duração, simultaneidade, sucessão, ritmo e conexão (BRASIL, Ministério da Educação, 2017, p. 56).

Dessa forma, trabalhar as bases legais que fundamentam o ensino de História no Brasil estruturam-se a partir de um conjunto de normativas que visam garantir a democratização do conhecimento histórico, a formação de cidadãos críticos e conscientes, e a valorização da diversidade cultural. A implementação dessas diretrizes é fundamental para a construção de uma educação histórica comprometida com a pluralidade, a justiça social e a memória coletiva, elementos essenciais para o fortalecimento da democracia e da cidadania. O ensino de História, regulamentado por essas bases legais, torna-se um instrumento pedagógico para a construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa, em que a compreensão do passado seja a chave para a transformação do presente e a construção de um futuro mais justo.

Maria Auxiliadora (2003, p. 57) diz que “o professor de história pode ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias; o saber fazer, o saber-fazer-bem, lançar os germes histórico”. Ensinar história não é apenas transmitir informações sobre o passado, mas também desenvolver o "saber fazer", ou seja, as ferramentas de trabalho essenciais para entender e interpretar fatos históricos.

O “saber-fazer-bem” vai além, e implica ensinar o aluno a aplicar essas ferramentas de maneira rigorosa, ética e com discernimento. Isso envolve promover um entendimento crítico das fontes históricas, interpretar diferentes perspectivas e compreender o contexto dos eventos estudados. O professor planta as sementes de uma consciência histórica nos alunos, ajudando-os a ver como o passado influencia o presente e como eles, enquanto cidadãos, também são parte do processo histórico em construção. Essa abordagem incentiva os estudantes a refletirem sobre sua própria realidade, questionando e analisando-a de forma independente e crítica, os prepara para

atuar conscientemente na sociedade.

2.1 O Papel do Estágio Supervisionado na Formação Docente

O estágio supervisionado tem como principal meta oferecer ao futuro professor a experiência prática da sala de aula, de acordo com os fundamentos teóricos aprendidos durante o curso. Essa vivência possibilita o aprimoramento de habilidades profissionais, como a organização e realização de aulas, a administração da classe, a avaliação dos estudantes e a implementação de métodos de ensino de ensino que estimulem o interesse e a participação dos alunos. Dessa forma, o estágio supervisionado vai muito além de um simples cumprimento de exigências acadêmicas. Ele é uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional. Além de ser um importante instrumento de integração entre universidade, escola e comunidade (FILHO, 2010).

No ensino de História, o estágio assume um papel ainda mais importante, pois exige do professor a capacidade de lidar com temas complexos, muitas vezes sensíveis, que envolvem interpretação de fontes históricas, debates sobre questões sociais e políticas e a formação crítica dos alunos. Além disso, os usos de diferentes metodologias de ensino são fundamentais para uma prática pedagógica eficaz e devem ser experimentados durante o estágio. Lima (2006) afirma que:

Entendemos que o estágio se constitui como um campo de conhecimento, o que significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supera sua tradicional redução à atividade prática instrumental. Enquanto campo de conhecimento, o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas. Nesse sentido, o estágio poderá se constituir em atividade de pesquisa. (PIMENTA; LIMA, 2006, p.6).

Além disso, a escola enfatiza a importância da parceria entre comunidade e instituição educacional, reconhecendo que ambos desempenham um papel crucial no desenvolvimento pleno dos alunos. Com uma variedade de iniciativas que promovem a participação ativa dos pais na vida escolar de seus filhos, como jogos de interclasse, festas culturais e projetos de coral, a escola demonstra um compromisso genuíno em fortalecer os laços entre família, escola e comunidade. Buriola (1999, p. 13), afirma que:

A identidade profissional do aluno é gerada, construída e referida” no entrecruzamento dos percursos individuais e institucionais no âmbito do trabalho e da formação; uma ação vivenciada reflexiva e criticamente, em que aprender a ser professor vai além da compreensão teórica, adentrando as paredes da sala de aula, aproximando alunos da realidade em que irão atuar. (Buriola, 1999, p. 13).

Portanto, o estágio supervisionado desempenha um papel crucial no treinamento de professores, servindo como uma ponte entre a teoria aprendida durante a formação acadêmica e a prática em sala de aula. Além disso, o estágio supervisionado fornece um espaço para o estagiário vivenciar os desafios do ensino, melhorar suas habilidades de comunicação, planejamento e gestão de sala de aula, bem como interagir com alunos e colegas em um ambiente do mundo real. Maria Auxiliadora (2003, p. 57) diz que “A sala de aula não é apenas um espaço onde se transmite informações, mas onde uma relação de interlocutores constrói sentidos”, a sala de aula é um ambiente dinâmico, onde professor e alunos interagem ativamente, construindo conhecimento juntos. A sala de aula é mais do que apenas um local de transmissão de conteúdo, ela é um espaço de diálogo, onde cada participante traz suas experiências e perspectivas. Nesse processo, o aprendizado acontece de forma mais significativa, pois se baseia na troca e na construção coletiva de sentidos.

2.2 Contexto da vivência no estágio I

O Estágio Supervisionado I foi realizado em uma escola pública do ensino fundamental, em turmas do 6º e 9º ano. O estágio teve uma duração de 120 horas e foi dividido em duas fases: a observação e a atuação em sala de aula. Nesse sentido, retrata-se que, “a pesquisa qualitativa vai permitir a compreensão do cotidiano como possibilidade de vivências únicas, impregnadas de sentido [...]”, “O cotidiano passa a ser percebido como o espaço significativo, cultural, em que os seres humanos constroem sua existência e se fazem transformadores das circunstâncias” (GHEDIN; FRANCO, 2011, p.62-63).

A primeira experiência de estágio ocorreu nas turmas de 6º ano e seguiu para as turmas de 7º, 8º e 9º ano. Durante o estágio supervisionado na Escola, cada dia foi uma oportunidade de aprendizado e crescimento profissional.

Desde o primeiro dia imersa na rotina escolar, observou-se de perto a organização da instituição, o envolvimento dos alunos e a dedicação dos professores, no qual, o foco foi a observação das práticas pedagógicas da professora regente, a dinâmica da sala de aula e as interações entre os alunos. De acordo com Roldão (2007):

A formalização do conhecimento profissional ligado a ato de ensinar implica a consideração de uma constelação de saberes de vários tipos, passíveis de diversas formalizações teóricas – científicas, científico didáticas, pedagógicas (o que ensinar, como ensinar, a quem e de acordo com que finalidades, condições e recursos), que, contudo, se jogam num único saber integrador, situado e contextual – como ensinar aqui e agora –, que se configura como “prático”. (ROLDÃO, 2007, p. 98).

Dessa forma, pode-se levar em conta que a observação é notada como a “tentativa de colocar o observador e observado do mesmo lado, tornando-se o observador o membro do grupo de modo a vivenciar o que eles vivenciam e trabalhar dentro do sistema de referências delas” (MARCONE; LAKATOS, 1999, p.82).

Após as observações, foram realizadas as intervenções pedagógicas para a aplicação do plano de ação e regência, nas quais, houve a elaboração dos planos de aula e a condução de atividades sob a supervisão do (a) professor (a). Logo depois das observações das aulas de história, havia o momento da interação com o professor na sala dos professores para verificar diversos conteúdos que seriam trabalhados em cada turma, desde questões mais básicas até temas mais complexos. Acompanhar as metodologias de ensino, as dinâmicas em sala de aula e as estratégias de avaliação utilizadas pelos professores proporcionou uma visão ampla das práticas pedagógicas.

Além disso, participar das reuniões pedagógicas e do planejamento das aulas foi uma experiência enriquecedora. Discutir sobre melhorias na escola, analisar o desempenho dos alunos e propor novas abordagens educacionais contribuíram para o meu desenvolvimento como futura educadora. Nesse ponto de vista, Ostetto, nos diz que:

No estágio, não está em jogo o aprendizado de uma metodologia, de um saber-fazer determinado, mas um “saber sobre si”, traduzido no processo de autoconhecimento que se abre da vivência interativa, para a percepção de limites e possibilidades. O reconhecimento da falta é que provoca o desejo de busca. (OSTETTO, 2008, p. 130)

Assim, os conteúdos trabalhados durante a experiência incluíram a intervenção pedagógica da cultura Cabocla com ênfase na história local que abrange a história do município de Itacoatiara AM. Partindo disto, foram planejadas atividades que buscavam não apenas transmitir o conteúdo histórico, mas também promover a reflexão crítica dos alunos sobre o impacto histórico desses eventos no contexto atual.

2.3 Intervenção Pedagógica - A Cultura Cabocla a partir do conceito de História Local no município de Itacoatiara – AM

A Intervenção pedagógica foi desenvolvida na Escola Estadual Maria Ivone de Araujo Leite, juntamente com os colegas que também estavam estagiando na mesma. A importância da temática Regional, abrange o contexto da localidade, do ambiente, do estilo de vida; por isso torna-se importante a abordagem a partir da História Local, que se refere às características distintas de um determinado local ou região que são transmitidas de geração em geração. A História Local desempenha um papel fundamental na identidade de uma comunidade e contribui para a diversidade cultural. Essas características podem incluir a língua, a culinária, as tradições, as festividades, as crenças religiosas, a música, a dança, a arquitetura, entre outros aspectos. O plano de ação proposto para trabalhar a cultura cabocla destaca-se por sua abordagem holística e interdisciplinar. Ao integrar elementos da história local, cultura amazônica e ensino de história, busca-se proporcionar aos alunos uma compreensão profunda e contextualizada de sua própria identidade cultural, através de atividades lúdicas e interativas, como exposições de comida típica, apresentações musicais e explicações sobre costumes caboclos, os alunos são convidados a explorar e valorizar os aspectos únicos de sua cultura local. Partindo desse pressuposto, o Parâmetro Curricular Nacional nos retrata que:

É fundamental também que o professor conheça quais são as ideias e os conhecimentos que seus alunos têm sobre o lugar em que vivem, sobre outros lugares e a relação entre eles. Afinal, mesmo que ainda não tenham tido contato com o conhecimento geográfico de forma organizada, os alunos são portadores de muitas informações e ideias sobre o meio em que estão inseridos e sobre o mundo, têm acesso ao conhecimento produzido por seus familiares e pessoas próximas e, muitas vezes, às informações veiculadas pelos meios de comunicação. Esses conhecimentos devem ser investigado para que o professor possa criar intervenções significativas que provoquem avanços nas concepções dos alunos. (1997, p.87).

Durante o estágio, foram utilizadas diversas metodologias de ensino, visando tanto à diversidade quanto ao dinamismo no aprendizado. Entre as abordagens empregadas, destacam-se as aulas expositivas dialogadas, combinando a apresentação de conteúdos com questionamentos e participação ativa dos alunos. Isso foi especialmente importante ao abordar temas como o processo de colonização e a exploração indígena e africana. Além disso, houve também a análise de documentos históricos, o que permitiu uma discussão mais profunda sobre os eventos estudados. Isso também os incentivou a desenvolver uma postura investigativa diante dos fatos históricos. Ademais, foi realizado a interação com a turma por meio de debates e rodas de conversa, de modo que, desenvolverem suas habilidades argumentativas.

Além de promover o conhecimento sobre a cultura cabocla, o plano de ação visa estimular o interesse dos alunos pela história local e pela diversidade cultural. Ao criar um ambiente de aprendizado envolvente e participativo, os alunos são incentivados a se engajar ativamente no processo de aprendizagem, fazendo perguntas e compartilhando suas próprias experiências e perspectivas. Dessa forma, não apenas adquirem conhecimento sobre sua cultura, mas também desenvolvem habilidades críticas e reflexivas que são essenciais para uma participação consciente na sociedade.

Portanto, por meio do estímulo de uma pedagogia de memória e pertencimento, o plano de ação busca não apenas transmitir informações sobre a cultura cabocla, mas também fortalecer a identidade dos alunos e sua conexão com sua comunidade e história local. Ao reconhecer e valorizar suas raízes culturais, os alunos são capacitados a compreender melhor a complexidade e a riqueza da diversidade cultural brasileira, contribuindo para uma educação mais inclusiva e colaboradora.

3. Resultados e discussão

A experiência enriquecedora foi marcada por desafios que exigiram adaptação e reflexão. Entre os principais obstáculos, ressaltam-se a gestão da sala de aula, na qual, um dos principais desafios foi aprender a lidar com a disciplina e o comportamento dos alunos, especialmente em turmas mais numerosas e com diferentes níveis de engajamento. Esse desafio resultou na importância de desenvolver estratégias eficazes de gestão de turma, mantendo o controle da aula sem perder a conexão com os alunos. Por isso, Perrenoud (2002) afirma que:

Um profissional reflexivo não se limita ao que aprendeu no período de sua formação inicial, nem ao que descobriu nos primeiros anos de sua prática. Ele reexamina constantemente, seus procedimentos, suas evidências e seus saberes. (p.44).

A saber, no que concerne os saberes da docência “Os saberes levantados por alunos e professores demonstram que são necessárias múltiplas aprendizagens e habilidades para que a ação docente se efetive” (PIMENTEL; PONTUSCHKA, 2004, p. 82). Portanto, deve-se levar em conta a adaptação das estratégias de ensino, pois em alguns momentos, foi necessário adaptar rapidamente as estratégias de ensino planejadas, uma vez que o ritmo de aprendizagem dos alunos nem sempre correspondeu ao esperado. Esse desafio resultou em uma prática pedagógica flexível e atenta às necessidades dos estudantes.

4. Considerações finais.

O Estágio Supervisionado I foi uma experiência fundamental para o meu desenvolvimento quanto professora em formação e para a compreensão da prática pedagógica no ensino de História. Ao vivenciar a realidade da sala de aula, foi possível compreender as nuances do processo de ensino-aprendizagem, desde o planejamento das aulas até a execução e avaliação dos resultados.

Os desafios enfrentados, como a gestão da sala de aula e a adaptação das estratégias de ensino, serviram como aprendizados valiosos, que certamente contribuirão para a formação de uma profissional mais preparada e sensível às necessidades dos alunos. A vivência no estágio reforçou a importância de uma prática pedagógica que não só transmita conteúdos, mas também fomente o pensamento crítico e reflexivo dos estudantes.

O estágio supervisionado, portanto, se configura como um momento indispensável para o futuro educador, proporcionando uma compreensão mais ampla do papel do professor e das inúmeras responsabilidades envolvidas na tarefa de ensinar. De acordo com Dantas (2019, p. 08-09), torna-se relevante que os cursos de licenciatura invistam nas práticas do estágio docente, daquilo que se aprende em sala de aula, como teoria e como essas aprendizagens teóricas se associam às atividades pedagógicas vivenciadas no estágio supervisionado.

O estágio proporciona essa experiência ao oferecer aos futuros professores uma perspectiva prática, na qual eles podem aplicar as teorias pedagógicas e metodológicas aprendidas. Isso permite que eles analisem as situações reais, superando visões preconcebidas, e construam uma compreensão mais ampla e fundamentada das dinâmicas educacionais, das necessidades dos alunos e dos contextos em que atuarão.

Portanto, o estágio ajuda os estudantes a se instrumentalizarem com ferramentas críticas e analíticas para enxergar o ensino de forma mais realista e sem preconceitos, o que é essencial para uma prática educativa mais inclusiva e eficaz.

5 . Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BITTENCOURT, Circe. **Capitalismo e Cidadania nas atuais propostas Curriculares de História**. In: BITTENCOURT, Circe. **O Saber Histórico em Sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

BRASIL, Lei nº 9.394/96 – **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Ministério da Educação, 20 dez. 1996, Artigo 26-A. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm#art1. Acesso em: 11 de set. de 2024.

BRASIL/MEC/SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais**, 1997. BURIOLLA, M. A. O estágio supervisionado. São Paulo: Cortez, 1999.

CARNEIRO, M. **Metodologia do ensino de história**. 1. ed. - Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2017. CASARIN, S. T.; PORTO, A. R. Relato de Experiência e Estudo de Caso: algumas considerações. J. nurs. health. 2021;11(2):e2111221998.

DALTRO, M. R.; Faria, A. A. de. **Relato de experiência: uma narrativa científica na pós modernidade**. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 19 n. 1 p. 223- 237, jan./abr., 2019.

DANTAS, Lúcio Gomes. **A educabilidade dos seres humanos por meio do estágio docente**. In: CUNHA, Célia da; FRANÇA, Carla Cristie de. **Formação Docente: Fundamentos e práticas do estágio supervisionado**. Brasília, DF, 2019.

FERREIRA, A.S.; BIANCHEZZI, C.; SILVEIRA, D.O.; SILVA, J. C. (orgs.). **Pensar, Fazer e Ensinar: Desafios para o ofício do Historiador no Amazonas**. Manaus: UEA, 2015.

LIMA, Fernanda Ferreira de. **Relatorio de Estagio Supervisionado I**. UEA, Itacoatiara, AM, 2023

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **O Estágio Curricular no Processo de Tornar-se Professor**. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda, (org). **Educação Infantil: Saberes e Fazeres da Formação de Professores**. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

BRASIL.Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 166p.

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica**. Tradução Cláudia Schilling. – Porto Alegre. Artmed, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência: diferentes concepções**. Revista Polesis. Volume 3. número 3 e 4. pp.5-24. 2005/2006.

PIMENTEL, Carla Silvia; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **A construção da profissionalidade docente em atividades de estágio curricular: experiências na Educação Básica**. São Paulo. Cortez, 2004.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS- UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITACOATIARA- CESIT
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

ROLDÃO, Maria do Céu. **Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional.** Revista Brasileira de Educação v. 12, n. 34, jan./abr.2007.

SCHMDR, Maria Auxiliadora. **A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula.** In: BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2003.